



A DIALÉTICA DA ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLARIDADE

THE DIALECTIC OF THE ALFABETIZAÇÃO IN THE ESCOLARIDADE

Prof. Alcebíades Fernandes Junior¹

RESUMO: Com base em uma pesquisa de campo aplicada no meio acadêmico, encontraram-se mais de 90% de alunos com problemas de Alfabetização e outros com problemas de ortografia e fonoaudiologia, considerando que não houve uma formação técnica do processo alfabético. Com isso, desenvolveu-se um programa de reabilitação da linguagem escrita desses alunos, permitindo aperfeiçoá-lo e institucionalizá-lo para qualificar a textualidade acadêmica dos cursos em que esse programa passou a ser o gestor da formação e da informação do processo da alfabetização em nível superior. Denominado PARLE, vem avaliando e reabilitando os “analfabetos técnicos” linguisticamente por estudos científicos e patologicamente por treinamentos fonoaudiológicos ou psicológicos em clínicas especializadas, independentemente da formação básica que tiveram.

Palavras-chaves: Alfabetização. Escrita. Ortografia. Fonoaudiologia.

ABSTRACT: Based on a campus research applied to the academic field, it was found that more than 90% of the students have problems of reading and writing, some others with orthography and phonoaudiological problems, considering that there was no technical formation on the learning process. Due to this fact, a program of rehabilitation for the improvement of language skills of these students was developed, allowing to institutionalize and improve it to qualify the academical textuality from the courses that this program has been managing in the process of formation and information of reading and learning development for undergraduate students. The program named PARLE has been evaluating and rehabilitating the “technical illiterate” linguistically through scientific and pathological phonoaudiological or psychological training in specialized clinics, independently of the basic formation they had.

Keywords: Learning Process. Reading. Writing. Phonoaudiology.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista os problemas de Língua Portuguesa que vêm afetando os textos produzidos nas instituições privadas e estatais, alertando à atenção das escolas na programação inadequada ao conhecimento de língua portuguesa na formação fundamental, desenvolveu-se uma pesquisa científica mais ajustada aos problemas atuais para se obterem resultados eficientes e menos convencidos aos moldes pedagógicos tradicionais de alfabetização, visto que tais problemas não só depreciam os autores dos textos como “analfabetos” e a instituição em que se vinculam como também refletem essencialmente em todo o processo educacional. Essa pesquisa

esteve alicerçada no estudo “Dialética da Língua Portuguesa”¹, que tem um conteúdo científico da linguagem adequado a alfabetizar com concisão e rapidez. O processo de alfabetização tradicional dispõe de muito tempo e implica muitos materiais didáticos e pedagógicos, visando à leitura e à escrita. Nota-se aí que há falta de uma programação adequada não só nos estudos acadêmicos, mas também em todo o processo escolar, acentuando a distinção entre ortografia e alfabetização, enquanto que o estudo “Dialética da Língua Portuguesa” se fundamenta em descrições científicas precisas das diversas formas lingüísticas de uma palavra, levando, em pouco tempo, o alfabetizante a aprender todos os sons dos fonemas da língua em correspondência com os grafemas das unidades de escrita

1-Doutor em Lingüística - USP; Prof. na UnG

Rua: Sacramento, 518 – apto. 11B; Celular: (19) 9745-9794 - e-mail: alcep@ig.com.br

2-Estudo e pesquisa publicados por Alcebíades Fernandes Jr. em *Dialética da Língua Portuguesa*, Editora Copola, Campinas, 1995.



para compreendê-las em suas colocações como processo de alfabetização e seus empregos como formas ortográficas.

Para a aplicação desta pesquisa, foi necessário estabelecer antes o perfil dos indivíduos considerados “analfabetos”. De acordo com o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*¹ entende-se como analfabeto o indivíduo “que não conhece o alfabeto”, “que não sabe ler e escrever”, porém esse não é o perfil ajustado a essa pesquisa. No meio acadêmico das universidades e em diversos setores profissionais públicos e privados, muitos indivíduos são considerados “analfabetos” por apresentarem problemas de língua portuguesa em seus textos. Esses indivíduos, na verdade, lêem e escrevem mal, de modo que são indivíduos alfabetizados ou mal alfabetizados tendo em vista o conceito apresentado pelo dicionário, porém apresentam problemas na aplicação das Unidades de Escrita (letras e dígrafos) motivados por algum distúrbio não lingüístico ou por desconhecimento de colocações e empregos científicos das unidades de escrita. Daí, erroneamente são considerados “analfabetos”, mas são passíveis à aplicação de um processo científico de alfabetização.

Conforme os estudos científicos de “Dialética da Língua Portuguesa”, a alfabetização é um estudo que descreve cada unidade de escrita produzida por um grafema em correspondência com um fonema, estabelecendo, com rigidez, as suas posições definidas: inicial, medial e final. “As unidades de escritas produzidas por um grafema que coincidem em uma posição são *alografes* e uma palavra em que há ocorrência de *alografes* pode apresentar várias formas escritas, dentro das condições de alfabetização”. Assim, uma palavra como “exausto” com o Grafema /z/ produzindo os *alografes* s, z e x permite formas em condições alfabéticas como “ezausto” e “esausto”, porém “a restrição de ocorrência de *alografes* é feita pela unidade de escrita da forma do morfema” constituinte da significação da palavra, definindo-se assim a ortografia da palavra, de modo que é a forma escrita do prefixo {ex} que determina a unidade de escrita na forma ortográfica da palavra “exausto”. Isso demonstra que a palavra “exausto” escrita por um indivíduo na forma “ezausto” o denota como um indivíduo bem alfabetizado, tendo apenas problema de ortografia. Por outro lado, é possível observar que a descrição alfabética da unidade de escrita ç produzida pelo grafema /s/ só ocorre em posição medial intervocálica ou depois de consoante como em “caça” e “canção”, permitindo *alografes* como “cassa” e “cansão” em condições alfabéticas, porém a palavra “sapo”

escrita por um indivíduo na forma “çapo” demonstra que ele desconhece as colocações das unidades de escritas da língua portuguesa, portanto apresenta problema no processo de alfabetização. Assim, é possível encontrar dois tipos de “analfabetos” de língua portuguesa: os *disgramados*, os que apresentam problemas de alfabetização, e os *cacógrafos*, os que apresentam problemas de ortografia.

Além desses problemas lingüísticos, poderão aparecer formas de palavras denunciando problemas fonoaudiológicos como em “polacha”, “reclamação”, “poblema”, “balata”, demonstrando que o problema do indivíduo é patológico, que exige um tratamento clínico e não um treinamento lingüístico, de modo que ele seja encaminhado para uma clínica de fonoaudiologia para uma triagem fonoaudiológica, que visa a detectar possíveis distúrbios ligados à linguagem escrita e oral e à voz e à audição. A esses indivíduos, denominou-se *patógrafos*.

Estabelecido o perfil do “analfabeto” como *cacógrafo*, *disgramado* e *patógrafo*, desenvolveu-se uma pesquisa no meio acadêmico realizada em cursos de graduação, fundamentada nos estudos “Dialética da Língua Portuguesa” que descrevem as correspondências entre os sistemas Fonológico e Grafêmico e os processos de alfabetização e de ortografia e apresenta programas específicos para cada um. Aplicada a pesquisa, desenvolveu-se um programa de avaliação na coleta de dados dos 544 alunos pesquisados como “patógrafos” (os que apresentam problemas de fonoaudiologia), “disgramados” (os que apresentam problemas de alfabetização) e *cacógrafos* (os que apresentam problemas de ortografia), configurando, em cada curso, 90% de “disgramados”, 5% de “patógrafos”, 3% de “cacógrafos” e apenas 2% de “aptos” (sem problemas), o que caracteriza hoje o meio acadêmico aberto a alunos com problemas de alfabetização e o ensino fundamental como insuficiente no processo de alfabetização.

Em desenvolvimento com 1.016 horas de atividades de coordenação da administração e da aplicação da pesquisa e de estudo, organização, elaboração, revisão, aplicação e avaliação da metodologia, da pesquisa, do conteúdo, do *corpus* e dos dados de todas as categorias e com 576 horas de atividade de estudo e organização da metodologia, de seleção dos dados e das informações do *corpus* e de coleta, análise e avaliação dos dados e preparação e aplicação do conteúdo referentes ao *cacógrafo* e 240 horas de atividade de reflexão, organização e revisão de metodologia, escolha de modelo adequado ao método,

2-Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1995



de coleta, organização, análise e redação do material coletado e de aplicação de testes e atendimentos clínicos referentes ao *patógrafo*, a pesquisa apresentou um levantamento feito em três cursos de graduação D, F e H de diferentes instituições, permitindo assim uma descrição generalizada das atividades do grupo de pesquisa constituído por três pesquisadores e um esboço de um programa de reabilitação dos problemas lingüísticos e patológicos. Escolheram-se esses cursos acadêmicos, porque há neles muitos alunos já graduados em cursos de outras instituições privadas e estatais, o que permitiu então uma avaliação do resultado em uma perspectiva geral acadêmica de instituições privadas e estatais, sem se restringir apenas a uma instituição estatal ou privada.

Feito o levantamento de dados referentes a 544 alunos, foi possível desenvolver um programa de reabilitação baseado nos estudos de “Dialética da Língua Portuguesa” referentes aos problemas lingüísticos e nos estudos e práticas de fonoaudiologia aplicados aos problemas fonoaudiológicos, apresentando programas específicos para cada categoria. Para o *cacógrafo*, apresentou-se apenas o estudo “Emprego das Letras e dos Dígrafos” com o programa de multimídia que descreve o sistema dos morfemas da língua portuguesa e, para o *disgramado*, desenvolveu-se-lhe o estudo “Colocação das Unidades de Escrita”, depois de um treinamento fonológico com o programa de multimídia para o conhecimento dos sons produzidos pelos fonemas associados aos grafemas. Para o *patógrafo*, a Clínica de Fonoaudiologia apresentou um programa de tratamento, conforme o tipo de distúrbio encontrado no indivíduo depois da triagem fonoaudiológica.

Com os 288 dados levantados no Curso H, desenvolveu-se uma forma de análise, avaliação e qualificação dos alunos pesquisados, encontrando-se 212 *disgramados*, 44 *patógrafos*, 11 *cacógrafos* e 21 “aptos” por meio de uma metodologia adequada para a coleta de dados em forma de DITADO. Com essa metodologia testada, alterada e aperfeiçoada, fez-se uma aplicação nos 210 alunos do Curso D, coletando dados que permitiram a análise, a avaliação e qualificação de 107 *disgramados*, 60 *patógrafos*, 8 *cacógrafos*, 23 “aptos” e 3 anulados. Foi possível também aplicá-la do mesmo modo nos 46 alunos do Curso F, encontrando 31 *disgramados*, 13 *patógrafos* e 2 *cacógrafos*. Essa metodologia de análise, avaliação e qualificação fundamentada no DITADO apresentava também uma parte em que cada indivíduo pôde escrever uma redação, servindo de *corpus* para um levantamento de problemas fonoaudiológicos, de modo que essa metodologia do programa apresentou dois parâmetros para a avaliação do *patógrafo*.

Dos 117 *patógrafos* referentes aos três cursos, iniciou-se a avaliação clínica de 18 *patógrafos* para um treinamento específico e, dos 350 *disgramados*, 116 referentes aos Cursos H e D, foram convocados para uma entrevista individual, já que cada um deles apresentava um pequeno detalhe problemático em alfabetização, considerando 64 do Curso H e 52 do Curso D, mas apareceram apenas 22 no primeiro e 25 no segundo. Incluindo os ausentes dessa chamada, fez-se a convocação dos 272 *disgramados* restantes com problemas mais complexos nesses dois cursos, em consideração aos 47 excluídos de 319 que foram reabilitados nas entrevistas, para um estudo de 12 encontros de uma hora e meia aos *disgramados* do Curso H e de 15 encontros de uma hora aos *disgramados* do Curso D. Nos encontros com os *disgramados* do Curso H, que ocorreu todas as terças-feiras das 18h às 19h30, compareceram 11 dos 190 convocados inicialmente e, nos encontros com os *disgramados* do Curso D, que ocorreu todas as quartas-feiras das 11h às 12h, compareceram 6 dos 82 convocados inicialmente. Dos 31 *disgramados* do Curso F, 28 alunos participaram das aulas de graduação na disciplina de Fonologia e Fonética, em cujo programa foi inserido o programa de reabilitação do projeto de pesquisa com a disciplina Colocação das Unidades de Escrita. Assim, a pesquisa esteve fundamentada nos levantamentos, classificação e qualificação de dados e no desenvolvimento do programa de reabilitação referente às três categorias, atendendo às categorias *patógrafos* e *disgramados*, pois a reabilitação dos *cacógrafos* dependia ainda das reabilitações das outras duas categorias, o que se pretendia era a concentração de todas em uma só categoria menos problemática no uso de língua portuguesa. A todas essas atividades, foi possível fazer uma abordagem descritiva mensal referente às especificidades produzidas em cada categoria.

Em dezembro de 2003, em reunião de equipe, propôs-se um estudo de uma metodologia unificada das categorias *cacógrafo*, *disgramado* e *patógrafo* para a coleta de dados da pesquisa, de modo que cada pesquisador comprometido com uma das categorias desenvolveu um modelo adequado para a categoria e uma organização desse modelo em uma metodologia unificada à aplicação da pesquisa.

Em janeiro de 2004, após divergentes propostas, ajustou-se um modelo adequado para a aplicação da pesquisa (anexo): um formulário com cabeçalho e espaço para uma redação na página frontal e, no verso, outro espaço para um DITADO I (anexo) de palavras estrategicamente selecionadas para a detecção de subsídios para a classificação do indivíduo em *cacógrafo*, *disgramado* ou *patógrafo*. Assim, tal modelo de



coleta de dados associava à metodologia de aplicação organizada de modo a permitir uma seleção classificatória adequada.

Em fevereiro desse mesmo ano, com o modelo de aplicação e a metodologia definida, fez-se uma aplicação no Curso H coletando informação de 288 indivíduos, alunos do primeiro ao último semestre, levando a equipe às atividades de aplicação da pesquisa e coleta de dados e organização, observação, orientação e descrição do *corpus*.

Em março, iniciou-se uma atividade de análise, avaliação e qualificação do *corpus* e de aplicação da pesquisa no Curso D, com uma coleta parcial de dados, e outra atividade de avaliação dos problemas alfabéticos e fonoaudiológicos encontrados nos dados apresentados pelos *disgramados* e *patógrafos* para um programa de reabilitação no Curso H.

Em abril, houve a atividade de reaplicação da pesquisa no Curso D abrangendo 210 alunos do período matutino e no Curso F cobrindo os 46 alunos dos dois períodos, encontrando-se, no Curso D, 107 *disgramados*, 60 *patógrafos*, 8 *cacógrafos* e 32 “aptos”, considerando 3 que se recusaram a participar da pesquisa, e, no Curso F, 31 *disgramados*, 13 *patógrafos* e 2 *cacógrafos*. Esses dados serviram para as atividades de análise, avaliação e qualificação do *corpus* dos dois cursos. Na atividade de aplicação do processo de reabilitação dos *disgramados* e *patógrafos* do Curso H, 44 *patógrafos* foram reavaliados pela Clínica de Fonoaudiologia para o reconhecimento do problema e desenvolvimento de um programa de aplicação do tratamento clínico e fez-se um encontro individual em duas sessões com 22 dos 64 *disgramados* que apresentavam pequenos problemas no processo de alfabetização para uma orientação específica do problema, visando à reabilitação. Depois, convocaram-se, por escrito, os 190 *disgramados* com problemas mais amplos para um projeto de estudo de reabilitação em 12 encontros em forma de curso para a aplicação do estudo “Colocação das Unidades de Escrita”, cujo conteúdo foi estrategicamente preparado e planejado conforme os problemas apresentados por eles nos dados coletados. No primeiro encontro, compareceram apenas 46 *disgramados* do Curso H.

Em maio, continuou o programa de reabilitação dos *disgramados* e *patógrafos* no Curso H, verificando a cada encontro a progressão do processo de reabilitação alfabética e fonoaudiológica deles, e desenvolveu-se um programa de reabilitação dos *disgramados* e dos *patógrafos* dos Cursos D e dos *patógrafos* do Curso F, convocando 107 *disgramados* e 60 *patógrafos* no Curso D e os 13 *patógrafos* do Curso F, comparecendo, na Clínica de Fonoaudiologia, apenas 36 *disgramados* do Curso D e todos os 13 *patógrafos* do Curso F

e somente 15 *patógrafos* do Curso D.

Em junho, toda a pesquisa estava centrada na metodologia do programa de reabilitação. Do ponto de vista dos *disgramados*, com o estudo “Colocação das Unidades de Escrita” e o programa “Fonemas” em multimídia aplicado em tela, vinha sendo desenvolvida uma forma de estudo para os *disgramados* do Curso H (com o comparecimento de 46) e do Curso D (com o comparecimento de 36). Em meados do mês de junho no 7.º (sétimo) encontro, fez-se uma avaliação prévia em 37 dos 46 alunos que estavam em processo de reabilitação no Curso H com a aplicação da metodologia com o DITADO II. Com a triagem clínica feita nos *patógrafos* dos Cursos H e D baseada em uma metodologia com testes de aplicação considerados “pares mínimos”, fez-se um levantamento dos problemas patológicos através de teste articulatório do som, memória auditiva com dígitos, memória de vocábulo sem significado e memória de vocábulo com significado, tendo em vista caracterizar os procedimentos fonoaudiológicos adequados à terapia e à avaliação clínica.

Em julho, fez-se a avaliação desse material coletado, obtendo-se um resultado parcial, demonstrando que 10 continuavam como *patógrafo*, pois esses alunos tinham sido categorizados assim na avaliação do projeto, 14 continuavam na categoria *disgramado*, apresentando mínimas falhas, 10 tornaram-se *cacógrafos* e 3 classificaram-se como “aptos”. É, de certa maneira, uma manifestação positiva do programa de reabilitação, demonstrando que a aplicação da pesquisa com base nesse estudo teve um efeito retroativo de convalidação dos construtos descritos.

Em agosto, deu-se início ao processo de reabilitação dos 31 *disgramados* do Curso F, sendo convocados pela coordenação do curso para encontros de orientações técnicas nas sextas-feiras das 18h às 19h30. No primeiro encontro, os alunos sugeriram que o programa de reabilitação fosse apresentado em aula de graduação, porque o programa de reabilitação coincidia com o programa apresentado em aula na disciplina “Fonologia e Fonética” do primeiro semestre do Curso F e 28 dos 31 *disgramados* participam desse semestre e dessa disciplina, ficando favorável para o estudo da disciplina e para os resultados da pesquisa. Ainda nesse mês, reuniram-se as três linhas de avaliação das categorias *disgramados*, *patógrafos* e *cacógrafos* a fim de se interseccionarem os aspectos lingüísticos e fonoaudiológicos que caracterizaram cada categoria e verificar o grau de desenvolvimento das reabilitações e a frequência de cada grupo para aprimoramento do programa de alfabetização. Assim, houve análise, avaliação



e revisão dos dados coletados, o que permitiu estabelecer e compor um material apropriado para muitas outras linhas de pesquisa, visto que as palavras apresentam “deformações” informativas. Estabeleceu-se então uma análise, avaliação, qualificação e conclusão do material e das informações do *corpus*, que pode servir de referencial para a apresentação do conteúdo aos grupos que estão em processo de reabilitação.

De acordo com o estudo realizado por Thiago S. Q. G. (2004) com o projeto de iniciação de pesquisa científica “A dialética do estudo da Alfabetização entre os alunos universitário” – Guarulhos, CEPPE, Universidade Guarulhos, relativo aos *disgramados* no material coletado pela pesquisa nos três cursos, entre 296 palavras com problemas de alfabetização nas formas foi encontrado maior número de ocorrências nas 10 a seguir:

“**ressurreição**” (150): *ressureição, resureição, resurreição, ressurreicao, ressureição, recureição, ressulrreição, resulreição, resçureição, rescureição, resurreção, rresurrição, resurgição, recurreição, resurreisãõ, resureisãõ, ressureissãõ;*

“**enrugado**” (112): *enrrugado, emrugado, inrrugado, emrrugado;*

“**ressurgíssemos**” (85): *resurgíssemos, ressurgisemos, resurgicimo, resurgicemos, resujisemos, ressurgirssimos, resuldissimos, resurgirsumos e gersargíssimos;*

“**melro**” (74): *meuro, melrro, meluro, melcro e mrl-ro;*

“**enredo**” (66): *enrredo, emredo;*

“**marzipã**” (65): *marzipan, malsipano, parsipã, marsipan, marziban, malzipan, marzipã, marsipão, marcipam*

“**de repente**” (63): *derepente, derepende*

“**arizotônico**” (62): *arizotônico, harizotônico, arisotônico, arizotomenico;*

“**peçonhento**” (53): *peconhento, pesonhento, pesonhaento, peçohento, peçon-hento (separação de linha), besonhaento, peçoento, pensoento, pensonento,*

peçoento, pesoento, pecoreto;

“**exceção**” (51): *exeção, excessão, escesão, excessão, ezesan, esisan, esecção, execesão, exerção, esessão, esxeção, exeçucão.*

Além dessas mais numerosas formas “analfabéticas”, outras podem ser vistas em “conexão” (*conexção, conesão, conecção, conexsão, conexão, conecsão, conexção, conexecção*), “enzima” (*ensima, enscima, enssima, emcima, emsima, emzima, enxima, ensima, exzima, exima, enxsima*), “salsicha” (*salcisha, salssicha, calcicha, calchiça, calsisha, salshicha, salçicha*) e em alguns estereótipos como *exigo, susitaceis, persepção, ssussuarana, sarpar, atingamos, bansé, desrrespeito, ensego e seloso*. Amostra-se assim uma população acadêmica bem desorientada no processo de alfabetização, com um quadro de 90% de *disgramados* entre 5% de *patógrafos*, 3% de *cacógrafos* e apenas 2% de “aptos”.

Na perspectiva da fonoaudiologia, de acordo com o levantamento de dados a respeito do *patógrafo*, encontraram-se palavras como “probrema”, “defragar”, “zarbar”, “enxoadado”, etc. Nota-se a *contaminação auditiva* e a *contaminação articulatória* presentes na produção dos indivíduos considerados *patógrafos*. A *contaminação auditiva* ocorre em uma situação em que o indivíduo por falha de discriminação auditiva não consegue diferenciar um fonema consonantal surdo de um fonema consonantal sonoro e vice-versa, e ao produzir a escrita usa uma unidade de escrita produzida por um grafema que não corresponde ao fonema adequado à estrutura da palavra. Ao produzir na escrita um vocábulo com uma unidade de escrita que representa um fonema sonoro, substitui a unidade de escrita por outra que representa um fonema surdo, o que se vê na conjugação do verbo “ir” em participio simples do indicativo na 1.^a pessoa do singular “eu vou” por “eu fou”. A *contaminação articulatória* ocorre quando o indivíduo apresenta falha na emissão articulatória oral decorrente de possibilidade que se define desde a aprendizagem inadequada de determinado som em um vocábulo (influências do meio social em que se insere) até a má articulação decorrente de algum tipo de distúrbio presente em seus órgãos fonoarticulatórios. É nessas circunstâncias em que esse indivíduo em uma situação de escrita chega a transcrever a sua fala. Assim se nota, quando o indivíduo escreve o vocábulo “problema” como *probrema* e o vocábulo “classe” como *crasse*.

Com base no estudo de ortografia “Emprego das Letras e dos Dígrafos”¹, fez-se um levantamento nos 3%

1-Estudo in “Dialética da Língua Portuguesa”



dos *cacógrafos* encontrados no levantamento de dados da pesquisa aplicada nos três cursos, procurando as formas de palavras que mais se destacaram a partir dos alografes, configurando a palavra “**exaltação**” na forma “*esaltação*”; a palavra “**através**” na forma “*atavez*”; a palavra “**açafraão**” na forma “*assafrão*”; a palavra “**peçonhento**” nas formas “*peçonhento*”, “*pesçonhento*”; a palavra “**baronesa**” na forma “*baroneza*”; a palavra “**inconsciência**” nas formas “*inconcência*”, “*inconsiência*”; a palavra “**percepção**” nas formas “*persepsão*”, “*persepção*”, “*perscepção*”; a palavra “**ressurgíssemos**” na forma “*ressurgícemos*”; a palavra “**exigisse**” nas formas “*exigice*”; “*ezigisse*”; a palavra “**exijo**” nas formas “*ezijo*”, “*esijo*”; a palavra “**esperançoso**” nas formas “*esperansoso*”, “*esperansozo*”, “*esperançoço*”; a palavra “**conexão**” nas formas “*conecção*”, “*conesção*”; a palavra “**exceção**” nas formas “*excessão*”, “*escessão*”, “*esceção*”, “*esseção*”; a palavra “**arrizotônica**” na forma “*arrisotônica*”; a palavra “**fizéssemos**” nas formas “*físéssemos*”, “*fizécemos*”; a palavra “**exacerbado**” nas formas “*exarcebado*”, “*exasserbado*”, “*esacerbado*”, “*ezarcebado*”; a palavra “**tarraxa**” na forma “*tarracha*”; a palavra “**batizado**” na forma “*batisado*”; a palavra “**quiser**” na forma “*quizer*”; a palavra “**ressurreição**” nas formas “*ressureição*”, “*ressulreição*”; a palavra “**púsésseis**” na forma “*puzésseis*”, “*puseceis*”; a palavra “**lazer**” na forma “*laser*”; a palavra “**estranheza**” na forma “*estranhesa*”; a palavra “**salsicha**” na forma “*salcicha*”; a palavra “**deflagrar**” na forma “*defragrar*” e a locução “**de repente**” na forma “*derrepente*”.

Os dados coletados, referentes aos *cacógrafos*, demonstram que os alunos não têm uma referência fundamentada na estrutura da língua para encontrar a forma ortográfica da palavra. Um mesmo aluno que escreveu a palavra “ressurgíssemos” com o dígrafo *ss*, escreveu a palavra “exigisse” em sua forma alográfica “exigice” com a letra *c*, desconhecendo que o que determina a ortografia das duas palavras com o dígrafo *ss*, e não com a letra *c*, é a presença da desinência

modo-temporal do imperfeito do subjuntivo {sse} em sua estrutura morfológica. Falta aí uma programação adequada não só nos estudos acadêmicos, mas também em todo o processo escolar, acentuando a distinção entre ortografia e alfabetização.

Essas são as primeiras conclusões teóricas encontradas pelos estudos das informações no *corpus* referentes às três categorias *patógrafos*, *disgramados* e *cacógrafos*.

Em setembro, fez-se uma retomada dos grupos de

reabilitação dos *disgramados* dos Cursos H nas terças-feiras das 18h15 às 19h30 e D nas quartas-feiras das 11h00 às 12h00 e deu-se continuidade às descrições do estudo aplicado em sala de aula aos *disgramados* do Curso F. Para os encontros com os *disgramados*, compareceram apenas 18 alunos do Curso H, pois esses alunos informaram que os ausentes já se sentiam reabilitados, compreendendo, através de leitura e estudo da disciplina “Colocação das Unidades de Escrita”, as descrições alfabéticas das unidades de escrita que lhes eram problemas, e 10 alunos do Curso D. A pedido de alunos, reaplicou-se a pesquisa nas turmas iniciantes do Curso H, permitindo assim selecionar, analisar e avaliar o material coletado para uma classificação das categorias da pesquisa. Daí, reuniram-se essas avaliações com as das três categorias coletadas anteriormente. Durante a Semana de Letras, fez-se uma aplicação da pesquisa paralelamente em um grupo de 55 alunos do Curso de Letras, obtendo-se 03 *patógrafos*, 36 *disgramados*, 11 *cacógrafos* e 05 “*aptos*”. Iniciou-se uma pesquisa no *corpus* do ponto de vista das três categorias para coleta, avaliação, avaliação e conclusão das informações para uma composição e produção de textos científicos destinados à comunicação em congresso de lingüística, de modo que, além das atividades de reabilitações lingüística e patológica, grande parte das atividades se concentraram nos estudos dos dados do *corpus* em busca de elementos informativos da qualificação e descrição de cada categoria.

Em outubro, em continuidade com as atividades de reabilitação dos *disgramados* dos alunos dos Cursos H e D, fez-se uma avaliação da carga horária dos grupos e da frequência e verificou-se que havia sido desenvolvido 16 horas para o grupo do Curso H, 7 horas para o grupo do Curso D e 16 horas para o Curso F e que, dos 18 dos alunos do Curso H, apenas 11 continuavam o estudo de reabilitação e, dos 10 do Curso D, apenas 6 continuavam o estudo de reabilitação, e iniciaram-se os encontros de reabilitação dos 36 *disgramados* do Curso de Letras às quintas-feiras das 11h às 12h, com o comparecimento de apenas 10 deles. Com o desenvolvimento das atividades de reabilitação lingüística e fonoaudiológica a todos os grupos, avaliaram-se o programa e o conteúdo apresentado nos encontros lingüísticos e a metodologia clínica aplicada nas seções terapêuticas de fonoaudiologia para uma conclusão informativa. Ainda nesse mês, houve participação do grupo de pesquisadores no X Simpósio de Letras e Lingüística da Universidade de Uberlândia com a aprovação de uma sessão coordenada para o grupo sob o tema “A dialética da alfabetização na linguagem escrita dos discursos acadêmicos”.



Além de cada pesquisador apresentar o seu trabalho relativo à pesquisa, todos os artigos apresentados para a revista científica do simpósio foram aceitos para a publicação, de modo que foram encaminhados à comissão avaliadora e destinados à publicação.

Em novembro, pelo motivo dos desencontros que começaram a haver com os alunos do Curso H, em virtude dos feriados, de eventos e de provas coincidentes nas terças-feiras, dificultando não só o encontro para a apresentação do estudo, mas também para uma avaliação e aplicação de um teste intermediário para verificar o desenvolvimento de cada *disgramado*, a coordenação do Curso H apresentou uma listagem de 39 alunos, propondo um Curso de Férias denominado “A Escrita em Língua Portuguesa” como curso de extensão para atender os *disgramados* que tiveram dificuldades em frequentar os encontros marcados para as terças-feiras nesse segundo semestre. Fez-se também uma reavaliação de 54 *disgramados* dos grupos de reabilitação dos Cursos D, F e Letras com a reaplicação da metodologia de avaliação da pesquisa através do DITADO II, obtendo-se os resultados de 2 *disgramados* aos dois alunos do Curso D; 01 *patógrafo*, 5 *disgramados* e 2 *cacógrafos* aos 8 alunos do Curso de Letras e 01 “apto”, 26 *cacógrafos*, 8 *patógrafos* e 9 *disgramados* aos 44 alunos do Curso F. Nota-se aí a presença de *patógrafos*, o que levou à descoberta de que eles já haviam sido classificados nessa categoria e, por falta de tempo, não fizeram uma triagem na Clínica de Fonoaudiologia, por isso participavam dos encontros dos *disgramados*. Diante disso, observa-se ali um progresso na programação lingüística e fonoaudiológica de reabilitação, pois muitos *disgramados* passaram a *cacógrafos* e “aptos”. Nesse mês ainda, iniciou-se um estudo com dois *cacógrafos* do Curso H, considerando que, nas duas aulas de Ortografia apresentadas até aquele momento, não havia nenhum parâmetro estabelecido sobre a aplicação da disciplina Emprego das Letras e dos Dígrafos. Fez-se também uma reavaliação de 7 *patógrafos* do Curso F com a aplicação do teste DITADO II, cujo resultado mostrou que os problemas patológicos diminuíram, refletindo também uma diminuição do problema no processo alfabético, embora continuassem como *patógrafos*, pois estavam ainda nas primeiras seções de treinamento fonoaudiológico.

CONCLUSÃO

Diante desse volume de atividades e de informações dos dados fornecidos pela pesquisa, pela análise e avaliação do *corpus*, pelo programa de reabilitação lingüística e

fonoaudiológica, foi possível estabelecer algumas conclusões referentes às três categorias e ao objetivo deste projeto de pesquisa. Quanto ao programa de alfabetização com perspectiva de se reabilitar uma pessoa com um dos problemas categorizados por esse projeto de pesquisa, ainda é muito cedo para se admitir que ele depende apenas das disciplinas científicas “Colocação das Unidades de Escrita” e “Emprego das Letras e dos Dígrafos” para a reabilitação lingüística e apenas da metodologia de aplicação fonoaudiológica para o tratamento da *contaminação auditiva* e *contaminação articulatória*, pois esses resultados extraídos dessas reaplicações dos testes feitas nos Cursos D, F e Letras e daquelas feitas previamente no Curso H e dos resultados avaliados pelas triagens feitas nos alunos dos cursos demonstram que o conteúdo do programa é perfeito na reabilitação dos indivíduos com problemas lingüísticos para os *disgramados* e *cacógrafos* e que a metodologia de reabilitação fonoaudiológica é muito funcional na recuperação lingüística dos indivíduos com problemas clínicos para os *patógrafos*. Acontece que, embora exista uma instrumentação excelente de captação e avaliação de dados para as três categorias em um grupo acadêmico ou social e um programa com um conteúdo lingüístico e uma metodologia perfeitos para a reabilitação dos indivíduos categorizados nesse grupo, há pouca motivação nos indivíduos categorizados em se reabilitar e exaurir seus problemas. Há neles um comodismo com seus problemas? Eles não acreditam no programa de reabilitação? Por terem problemas, sentem-se inibidos em participar de um programa de reabilitação ou o programa de reabilitação é proposto em horário inconveniente a eles?

Provavelmente, a última questão parece ser a única viável para uma resposta afirmativa, já que, em contato com muitos alunos que frequentavam os estudos de reabilitação, pude observar que comentavam sobre esses motivos citados na última questão, o que se não registrou nos relatório de informação da pesquisa, ficando apenas em comentário feito em aula. Os problemas lingüísticos ou fonoaudiológicos que eles carregam desde o início da escolaridade acarretam não só dificuldade de comunicação, mas também problemas de efeitos psicológicos e sociais e de organização social e profissional, obstaculando a frequência do indivíduo nos encontros de reabilitação. É nesse sentido que a programação de alfabetização deve ser conduzida, escrutando a sincronia e diacronia dos problemas lingüísticos e fonoaudiológicos do indivíduo e investigando os aspectos extrínsecos e intrínsecos dos problemas apresentados. Quanto às conclusões extraídas do *corpus* referentes às categorias do projeto de pesquisa, foi



possível estabelecer uma para cada categoria.

Em relação ao *cacógrafo*, o levantamento de dados demonstrou que há uma resposta para a pergunta “o que é ortografia em Língua Portuguesa?”, tratada com o rigor científico que o estudo merece e que parece estar longe de ser encontrada na maior parte das gramáticas de língua portuguesa e obras específicas sobre esse estudo. Diante disso, desenvolveu-se uma noção clara do que é ortografia e o que é alfabetização. Uma abordagem dialética dessa questão pode ser encontrada no estudo “Dialética da Língua Portuguesa” com um enfoque específico na estrutura da palavra para um estudo do “Emprego das Letras e dos Dígrafos” para a ortografia e um estudo da “Colocação das Unidades de Escrita” para o processo de alfabetização.

Do ponto de vista do *disgramado*, concluiu-se que, enquanto se não define, nos programas escolares do ensino fundamental, o processo de alfabetização na perspectiva fônica ou textual, motivando uma polaridade ambígua da sua concepção, o que se nota em Cagliari (1990, p. 08), conceituando que “primordialmente, a alfabetização é a aprendizagem da escrita e da leitura”, ou em Soares (2003, p. 15), afirmando que a alfabetização “é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita” ou ainda em Carvalho (1995, p. 47), admitindo que “nos primeiros passos em direção à alfabetização, o aluno vai abordar o texto não para ‘dominar o mecanismo de leitura’, mas apenas para aprender alguns fatos sobre o sistema da escrita e, possivelmente, descobrir algumas relações entre escrita e a fala”, há, no estudo “Dialética da Língua Portuguesa”, usado como base para esse projeto de pesquisa, uma descrição científica abrangente de todo o processo de alfabetização centrado estritamente na escrita, independente de relações fonéticas ou textuais e contrário a proposições como em Lemle (1984, p. 81), que orienta “o que o alfabetizando deve construir para si é uma teoria adequada sobre a relação entre sons e letras na língua portuguesa” e demonstra, com isso, que a Alfabetização é um processo subjetivo não-científico como se cada alfabetizando de língua portuguesa pudesse “construir” sua teoria de alfabetização, de modo que o estudo “Dialética da Língua Portuguesa” apresenta assim um sistema alfabético definido pela produção de um sistema grafêmico em língua portuguesa, tratado pelo estudo descritivo “Colocação das Unidades de Escrita”, que leva em conta as posições inicial, medial e final da palavra para a aplicação de uma unidade de escrita produzida por um grafema. Sem dúvida, esse estudo científico traz à luz o processo de alfabetização, pois aprender

o sistema alfabético de uma língua é conhecer a aplicação de suas unidades de escrita em palavras, sem que se leve em conta qualquer outro sistema ou textual ou fônico ou morfológico ou sintático. Com isso, é necessário que o alfabetizando apenas estude e aprenda esse sistema, sem a necessidade de ter uma “competência científica” para desenvolver uma teoria. Nesse estudo, cada unidade de escrita é produzida por um grafema, que é uma unidade lingüística correspondente ao fonema, de modo que tanto um quanto outro são funções neuronais relativas no cérebro, conforme se observa na “Dialética da Língua Portuguesa”, “grafema é uma função neuronal de armazenar e identificar uma Unidade de Escrita, no cérebro, e de produzi-la por meio do aparelho de Escrita” e “fonema é uma função neuronal de armazenar e identificar uma unidade lingüística sonora (um som), no cérebro, e de produzir, através de contrações musculares pelo aparelho fonador” (FERNANDES Jr., 1995, p. 279). Assim, explicações como em Soares (2003, p. 15), que mostram que a alfabetização “é um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler)” ou em Tererosky & Tolchinsky (1997, p. 09), que comenta que “a escrita alfabética é um sistema de notações específicos, do qual os elementos, as letras, identificam segmentos fonológicos (consoantes e vogais)” tornam-se confusas, porque, a princípio, se entende aí que grafemas são as unidades de escrita e, ainda, se interpreta a unidade de escrita como se fosse representante do fonema ou do som. Diante dessas abordagens ambíguas, destaca-se então o estudo científico “Colocação das Unidades de Escrita”, que é um conjunto de descrições específicas de cada unidade de escrita produzida por um grafema.

Aos *patógrafos*, com o levantamento de dados coletados na pesquisa a partir da aplicação de ditado, triagem auditiva com pares mínimos e triagem da produção articulatória oral, ao se aplicar uma lista de palavras cuidadosamente selecionadas segundo critérios alfabéticos, ortográficos e fonoaudiológicos, constataram-se, através da produção gráfica dos alunos, muitas trocas consideradas patológicas, que não configuram apenas um desvio de linguagem e sim possíveis dificuldades na *discriminação auditiva* ou de transcrição de uma fala mal articulada. Assim se vê troca de traços fonológicos em: (1) grupo consonantal com uma lateral substituído por vibrante em “deflagrar” por *defragar*”; “problema” por *probrema* ou *poblema* e “prorrogação” por *plorrogação*; (2) consoantes fricativas com substituição de surdo por sonoro em “esperançoso” por *esperanzoço* e de sonoro por surdo em “fizéssemos” por *fissessemos*, “enzima” por *ensima*, “zoar”



por *soar*, “zarpar” por *sarpar*; (3) consoantes vibrantes com substituição de múltiplo por simples em “ressurreição” por *ressureição*, “emperrado” por *emperado* e “ressurreição” por *resureirão*; (4) consoante oclusivo com substituição de sonoro por surdo em “zarpar” por *zarbar*, “banzé” por *panzé*, “exacerbado” por *exarcepado*; “problema” por *proplema*, “exacerbado” por *ezacerpato* e “baronesa” por *paronesa* e de surdo por sonoro em “desemprego” por *desembrego*; (5) consoantes linguo-dentais com substituição de surdo por sonoro em “atinjamos” por *adinjamos* e de sonoro por surdo em “de repente” por *terrepente*; (6) consoantes fricativos com troca de alveolar por palatal em “exigência” por *egigência*, “exigisse” por *egixisse*, “exigisse” por *egissem*, “exijo” por *egijo* e alternância entre eles em “exijo” por *egiso*; (7) consoante fricativo com substituição de alveolar sonoro por palatal surdo em “zarpar” por *charpar*; (8) consoante fricativo com substituição de palatal para alveolar em “tarraxa” por *tarrasa*; (9) consoante palatal fricativo com substituição de sonoro por surdo em “enjoado” por *enxoado* e de surdo por sonoro em “cheiroso” por *geiroso*, “tarraxa” por *tarraja*; (10) consoante oclusivo com substituição de sonoro por surdo em “pagar” por *paca*, “deflagar” por *deflacar* e de surdo por sonoro em “quiser” por *guizer*; (11) consoante fricativa labiodental com substituição de sonoro por surdo em “alvejante” por *alfejante* e (12) consoantes com troca de oclusivo por labiodental em “emperrado” por *enterado*.

A troca dos fonemas homorgânicos, “que utilizam dos mesmos órgãos do aparelho fonador para serem emitidos, tendo apenas um traço distintivo: serem surdos ou sonoros (HERNANDEZ, 1998), ou, como Canongia (1981) os nomeia, “fonemas auditivamente semelhantes”, foi detectada em seus oponentes: S/Z – P/B – T/D – J/X – X/J – K/G – V/F.

Essas substituições estão inseridas no que denominamos de *contaminação auditiva*, pois os mesmos sujeitos que apresentaram esse tipo de trocas, ao serem testados em discriminação auditiva de pares mínimos opostamente fonéticos, foram submetidos a esse tipo de avaliação que consistia em apresentar pares mínimos selecionados pelo critério de oposição de traços fonéticos existentes na língua portuguesa. Essa avaliação propriamente dita determina a sonoridade entre os pares mínimos como iguais ou diferentes ao serem ouvidos. Esses mesmos alunos demonstraram muitas falhas na detecção de diferenciação entre os pares mínimos, o que leva a sugerir que as mesmas trocas tendem a aparecer de maneira assistemática e que variam de acordo com a percepção auditiva momentânea do indivíduo, ou seja, o que

pode escrever trocado em outro momento poderá fazê-lo de outra maneira. É uma falha que decorre no processamento auditivo que o aluno possui. É uma condição do ser humano ter o conjunto de processos pelos quais o som é codificado em impulsos elétricos, sendo posteriormente codificado pelo córtex central e integrado às informações de outros sistemas sensoriais. Pode-se encontrar o aluno que escuta e não processa, pois, conseqüentemente, ele não saberá diferenciar auditivamente as palavras faladas. Essa falha auditiva levará o sujeito a apresentar problemas na escrita.

Outra falha encontrada é a que Cagliari (1990) nomeia de “erro de transcrição de fala”, em que o aluno registra na escrita o modo como fala e compõe o que chamamos de *contaminação articulatória*. Foram encontradas as trocas o “l” por “r” em grupo consonantais; o dígrafo “rr” pela letra “r”; a letra “z” por “x”; e a letra “x” por “s” onde existe certa distinção no uso dos órgãos fonoarticulatórios, apesar de se apresentarem zonas de articulação muito próximas, o que se pode justificar como transcrição da maneira como se articula o fonema.

A frequência de ocorrência tanto da *contaminação auditiva* como da *contaminação articulatória* justifica a presença de trocas e distorções grafêmicas encontradas em alunos de nível superior, trazendo problemas nas suas produções escritas. Nesses casos, esses alunos necessitam de tratamento fonoaudiológico para reabilitarem a articulação da linguagem falada e escrita para, depois, apresentarem um nível de escrita mais adequado à realidade em que se inserem, considerando que o domínio da escrita se fixa no momento em que o aluno conhece as regras gramaticais de aplicação das unidades de escrita, adquirindo assim um bom desempenho no processamento auditivo da palavra e na articulação correta dela para que haja a eclosão de uma elaboração significativa do texto escrito.

Assim, pôde-se demonstrar algumas formas de escrita que refletem problemas fonoaudiológicos no meio dos 544 alunos universitários pesquisados, considerando 5% de *patógrafos*, o que caracteriza o meio acadêmico atual com problemas lingüísticos e patológicos, em virtude do crescimento assustador de uma população universitária originária de uma classe média carente de instrução em busca de ascensão social e mostra a escola de ensino fundamental não aparelhada para a avaliação e o diagnóstico dos problemas do ensino e do conhecimento de língua portuguesa.

Há de se admitir que esse modelo de avaliação das categorias *patógrafo*, *disgramado* e *cacógrafo* baseado nos



estudos de “Dialética da Língua Portuguesa” vem se mostrando perfeito para uma análise, avaliação e qualificação dos chamados “analfabetos” no meio acadêmico, à medida que se vêm conferindo os problemas encontrados nos dados coletados pelo modelo e os problemas apresentados pelos indivíduos que têm sido reabilitados pelo estudo apresentado aos *disgramados* e aos *patógrafos* dos Cursos de História e Direito. Através da análise, avaliação e qualificação dos “analfabetos” dos Cursos de História, Direito, Letras e Fonoaudiologia, descobriu-se, por meio da avaliação desse modelo, que, quando o indivíduo é um *patógrafo*, ele é também um *disgramado* e *cacógrafo* e, quando um indivíduo é um *disgramado*, ele é também um *cacógrafo*, mas isso não é o contrário: se um indivíduo é um *cacógrafo*, não se prescinde sua avaliação como *patógrafo* ou *disgramado*. No programa de reabilitação, em que se faz uma descrição científica na aplicação das unidades de escrita produzidas por grafema correspondente com fonema, há uma atividade de raciocínio que leva o aluno não só a reconhecer a falha de sua aplicação como também a unidade de escrita adequada à forma escrita da palavra, escrutando o campo em que ela é inserida. Isso demonstra que o processo de alfabetização deve ser racional e não mnemônico, já que a unidade de escrita aplicada na forma de uma palavra deve ser adequada às condições iniciais, mediais e finais. Esse é assim o primeiro resultado positivo da elaboração de um programa de alfabetização, ficando agora a parte do programa referente à reabilitação que vem sendo aplicada por processos lingüísticos e clínicos.

Assim, com os efeitos das coletas de dados e da aplicação da reabilitação dos “analfabetos”, definiu-se um programa de alfabetização científica **PARLE** com um instrumento preciso para a análise, avaliação e qualificação deles nas três categorias *patógrafo*, *disgramado* e *cacógrafo* e com um estudo especial de descrição lingüística com um programa para a solução de problemas alfabéticos e com uma triagem clínica de avaliação dos distúrbios articulatorios ou psicológicos para a solução dos problemas fonoaudiológico, e desenvolveu-se a obra “Dialética da Alfabetização e da Ortografia”, demonstrando esse programa e todos esses resultados. Aplicado o **PARLE** no meio acadêmico, esse programa tem sido referência para as soluções dos problemas lingüísticos e fonoaudiológicos nos estudos dos cursos acadêmicos. As escolas básicas, enquanto não definem um programa de alfabetização para a formação de alunos preparados para o ensino superior, têm deixado uma população de “analfabetos técnicos”, que chegam ao nível superior sem o domínio da escrita.

BIBLIOGRAFIA

- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1990.
- CANONGIA, M. B. **Manual de terapia da palavra: anatomia, fisiologia, semiologia e o estudo da articulação e dos fonemas**. São Paulo: Atheneu, 1981.
- CARVALHO, M. **Guiaprático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1995.
- HERNANDEZ, I. R. C. Erro construtivo. **Revista do professor**, São Paulo, v. 14, n. 56, p. 5-12, 1998.
- LEMLE, M. A tarefa da alfabetização: etapas e problemas do português. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v.15, n. 4, p. 41-60, 1984.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.
- TEBEROSKY, A; TOLCHINSKY, L. **Além da alfabetização**. São Paulo: Ática, 1997.



DITADO

*do projeto de pesquisa

“A dialética da alfabetização na linguagem escrita dos discursos acadêmicos e sociais”

Conforme orientação do objetivo do Projeto de Pesquisa, as palavras abaixo devem ser ditadas rapidamente para que cada indivíduo orientado não procure uma fonte informativa da forma escrita da palavra.

exaltação	fizéssemos
através	prorrogação
açafrão	exacerbado
peçonhento	ajoelhado
emperrado	infecção
baronesa	ensejo
exigência	arrogância
suçuarana	melro
percepção	desrespeito
zarpar	zeloso
alça	restrinjamos
enredo	quiser
ressurgíssemos	assoalhado
exigisse	ressurreição
exijo	realce
esperançoso	zoar
conexão	pusésseis
enzima	irreconhecíveis
exceção	alzaimer
arizotônico	estranheza
suscitásseis	enrugado
atinjamos	azinhavre
problemas	salsicha
banzé	marzipã
emborrachado	de repente